

BARREIRAS AO DESENVOLVIMENTO DO ARTESANATO EM ARARAS, INTERIOR DE SÃO PAULO: UMA INVESTIGAÇÃO CRÍTICA

Gabriela de Oliveira Nascimento
gabriela.nascimento9@fatec.sp.gov.br
Prof. Dr. Gustavo Bonin Gava
gustavo.bgava@gmail.com
Fatec Araras

RESUMO: O artesanato é uma atividade de grande relevância cultural e econômica em várias regiões brasileiras, incluindo o município de Araras, no interior do estado de São Paulo. Apesar de sua significância, o setor enfrenta diversos desafios que comprometem seu crescimento e sustentabilidade. Este artigo tem como objetivo analisar e compreender os obstáculos enfrentados pelos artesãos no município, abordando as múltiplas facetas que impactam tanto a produção quanto a comercialização de seus produtos. O percurso metodológico incluiu revisão bibliográfica e a realização de entrevistas semiestruturadas. Os resultados revelam que os artesãos lidam com uma série de barreiras significativas que afetam negativamente suas atividades. Entre esses problemas, destacam-se a desvalorização do artesanato como profissão, problemas logísticos que limitam o acesso aos mercados, dificuldades burocráticas que impedem a participação efetiva em feiras e outros eventos culturais e a falta de apoio institucional refletida na promoção inadequada de seus produtos e na escassez de oportunidades de desenvolvimento profissional. Para superar as adversidades identificadas, o estudo propõe a criação de espaços adequados para exposição e comercialização dos produtos artesanais, melhorias na logística de acesso a mercados, simplificação dos processos burocráticos e maior integração entre os artesãos e as políticas públicas. Essas medidas visam promover a sustentabilidade econômica, cultural e social do artesanato em Araras, valorizando sua importância como uma expressão cultural rica e uma fonte de renda significativa.

Palavras-chave: Artesãos. Desenvolvimento local. Indústria cultural.

BARRIERS TO THE DEVELOPMENT OF HANDICRAFTS IN ARARAS: A CRITICAL INVESTIGATION

ABSTRACT: Crafts are an activity of great cultural and economic relevance in several Brazilian regions, including the municipality of Araras, in the countryside of São Paulo state. Despite its significance, the sector faces several challenges that compromise its growth and sustainability. This article aims to analyze and understand the obstacles faced by artisans in the municipality, addressing the multiple facets that impact both the production and marketing of their products. The methodological path included a bibliographic review and semi-structured interviews. The results reveal that artisans deal with a series of significant barriers that negatively affect their activities. Among these problems, the devaluation of crafts as a profession, logistical problems that limit access to markets, bureaucratic difficulties that prevent effective participation in fairs and other cultural events and the lack of institutional support reflected in the inadequate promotion of their products and the scarcity of professional development opportunities. To overcome the identified adversities, the study proposes the creation of suitable spaces for the exhibition and sale of artisanal products, improvements in the logistics of access to markets, simplification of bureaucratic processes and greater integration between artisans and public policies. These measures aim to promote the economic, cultural and social sustainability of handicrafts in Araras, valuing their importance as a rich cultural expression and a significant source of income.

Keywords: Artisan. Local development. Cultural industry.

1 INTRODUÇÃO

No limiar do século XXI, a prática artesanal, uma das expressões culturais mais arraigadas, passou a ser beneficiada por substancial suporte financeiro de órgãos governamentais e entidades não governamentais atuantes no Brasil, conforme indicado por Marquesan; Figueiredo (2014).

Esses incentivos estão em consonância com as diretrizes das políticas públicas formuladas no âmbito do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) e são executados por instituições como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). A finalidade primordial dessas ações é a revitalização da produção artesanal, elevando-a a uma significativa fonte de emprego e renda e incorporando-a aos mercados de consumo globalizados bem como ao setor turístico (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014).

A análise das políticas que fundamentam essas intervenções revela uma notável ênfase na redefinição do significado do artesanato e da identidade dos artesãos (RODRIGUES, 2012; NERY, 2014; SOUSA *et al.*, 2020). Essa reconfiguração é principalmente conduzida através do incentivo ao empreendedorismo, sublinhando à importância da gestão eficaz e da adaptação do setor artesanal aos padrões de competitividade que caracterizam a economia de mercado capitalista. Este discurso destaca a necessidade de uma abordagem mais estratégica e comercialmente viável para o artesanato, visando sua sustentabilidade e expansão no contexto

globalizado (RODRIGUES, 2012; MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014).

O objetivo deste artigo consiste em analisar e compreender os desafios enfrentados pelos artesãos no município de Araras, localizado no interior do estado de São Paulo. A investigação foca nas diversas dimensões que influenciam tanto a produção quanto a comercialização dos produtos artesanais.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo é parte de um projeto de pesquisa em iniciação científica que adota uma abordagem qualitativa, destacando-se por seu enfoque analítico-descritivo, alinhado às recomendações de Denzin; Lincoln; Giardina (2006) sobre a eficácia deste método para a exploração detalhada de contextos culturais e sociais.

O trabalho de campo foi conduzido no segundo semestre de 2023, permitindo a coleta de dados primários entre os artesãos do município de Araras, interior de São Paulo.

Foram realizadas 17 entrevistas semiestruturadas, conforme sugerido por Vieira; Zouain (2005), que enfatizam a importância dessa técnica para capturar profundamente as perspectivas dos entrevistados dentro de seu ambiente natural. Como parâmetros para a seleção dos participantes, em consonância com as diretrizes estabelecidas pelo PAB (BRASIL, 2018), era requerido que o indivíduo estivesse engajado em uma atividade manual, convertendo matéria-prima, seja ela bruta ou

processada, em um produto final; possuir conhecimento técnico acerca dos materiais e ferramentas e métodos empregados na produção artesanal, com a possibilidade de utilizar equipamentos que não fossem automatizados.

A mobilização dos participantes envolveu estratégias de engajamento ativo em locais de prática artesanal, o que é recomendado por Bryman (2016) para assegurar uma interação autêntica e contextualmente relevante com os sujeitos de pesquisa.

Finalmente, é pertinente mencionar que uma das autoras deste estudo detém a experiência profissional de artesã. Este aspecto contribuiu para um diálogo mais genuíno e uma análise mais acurada das práticas, percepções e valores que caracterizam a comunidade artesanal em estudo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. ARTESANATO

O artesanato, ao ser compreendido enquanto manifestação popular, revela-se como um elemento intrínseco à constituição da identidade, tanto individual quanto coletiva. Esse processo de formação identitária é intimamente moldado pelo contexto ambiental bem como pelas realidades culturais, sociais e econômicas predominantes. A transmissão intergeracional de crenças, artes, valores, práticas e tradições atua como um vetor de memória viva, que persiste no presente e confere valor às experiências ancestrais no

cotidiano laboral dos artesãos (SENNETT, 2012).

Por sua vez, existe certa complexidade na definição do setor artesanal emergindo da diversidade de critérios empregados para classificar quais atividades econômicas se enquadram como artesanais. Essa variabilidade reflete a evolução histórica do conceito de artesanato e as diferentes interpretações que têm sido atribuídas a ele ao longo do tempo. Para Keller (2014),

o trabalho artesanal é um fenômeno sociocultural e econômico presente na sociedade contemporânea. Uma atividade produtiva de valor social, cultural econômico exercida em geral de forma informal por grupos de produção espalhados por todo o Brasil e pela América Latina, grupos marcados por relações de família e de vizinhança, formados, em sua grande parte, por mulheres de baixa renda (KELLER, 2014, p. 326).

Contudo, atualmente, a definição de artesanato é heterogênea, refletindo uma multiplicidade de perspectivas e contextos (NERY, 2014). Uma abordagem relevante para compreender a amplitude e as nuances desse setor pode ser encontrado na Portaria Nº 1.007, de 11 de junho de 2018, elaborada pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (BRASIL, 2018), onde o objetivo foi atualizar a base conceitual do artesanato brasileiro e estabelecer os parâmetros de atuação do PAB. Segundo o documento governamental:

Artesanato é toda produção resultante da transformação de matérias-primas em estado natural ou manufaturada, através do emprego de técnicas de produção artesanal, que expresse criatividade, identidade cultural, habilidade e qualidade (BRASIL, 2018, sp).

A definição de artesanato exposta pela Portaria (BRASIL, 2018) encapsula a essência desta prática como um conjunto de atividades que envolvem a transformação de matérias-primas predominantemente por meios manuais. Essa transformação é realizada por indivíduos que possuem um domínio completo sobre uma ou mais técnicas artesanais, integrando criatividade, habilidade e um profundo valor cultural produtivo (BORGES, 2019; CARVALHO; BENDASSOLLI, 2019).

Embora o processo de criação artesanal valorize a predominância do trabalho manual, reconhece-se a possibilidade de um auxílio limitado por máquinas, ferramentas e outros utensílios. Esta flexibilidade na utilização de meios auxiliares não diminui o valor artesanal do produto; pelo contrário, é um reconhecimento das realidades contemporâneas e da evolução do setor (BECKER, 2017). O critério distintivo permanece sendo o domínio das técnicas e a intervenção criativa do artesão, que insufla em cada criação um pedaço da sua identidade cultural e individual (CEZAR; FANTINEL, 2018).

O conceito de artesanato é claramente definido por critérios específicos que delimitam e excluem determinadas práticas e produtos, conforme estipulado pela Portaria Nº 1.007 (BRASIL, 2018). De acordo com este normativo, não se classificam como artesanato as atividades que envolvem apenas a montagem de componentes que são industrializados ou fornecidos por terceiros. Adicionalmente, a lapidação de pedras preciosas e a fabricação de itens como

sabonetes, perfumarias e sais de banho também são excluídos do conceito de artesanato, a menos que esses produtos incorporem essências naturais e sigam métodos tradicionais de produção artesanal (BRASIL, 2018).

Ademais, o desenvolvimento de habilidades manuais por meio de instruções obtidas de mídias diversas, que não refletem uma identidade cultural específica, também não se enquadra como artesanato. Igualmente, não são consideradas práticas artesanais aquelas baseadas em moldes e padrões amplamente divulgados por publicações focadas em trabalhos manuais, bem como trabalhos que se caracterizam por uma abordagem assistemática à produção, carente de um processo criativo marcante (BRASIL, 2018).

Trabalhos que resultam em cópias ou reproduções desprovidas de valor cultural, que não possuem vínculo claro com sua região de origem ou com o artesão que os produziu, também não são reconhecidos como artesanato (BRASIL, 2018).

Finalmente, é importante ressaltar que, no domínio do artesanato, mesmo com o emprego de ferramentas e máquinas, é a habilidade manual e a criatividade do artesão que imprimem ao objeto suas características únicas, refletindo a personalidade do criador e sua relação com o entorno sociocultural (BRASIL, 2018).

Em nível internacional, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1997), define o artesanato da seguinte forma:

Os produtos artesanais são aqueles produzidos por artesãos, seja inteiramente à mão, ou com o auxílio de ferramentas manuais ou mesmo meios mecânicos, desde que a contribuição manual direta do artesão continue a ser o componente mais importante do produto acabado. São produzidos sem limitação de quantidade e utilizando matérias-primas provenientes de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais baseia-se nas suas características distintivas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, culturalmente ligadas, decorativas, funcionais, tradicionais, simbólicas e religiosas e socialmente significativas (UNESCO, 1997, p. 6.)

Esta abordagem ampla na definição de artesanato destaca a preponderância do trabalho manual na criação de produtos sem se ater estritamente a categorias artesanais específicas. Tal perspectiva ressalta a capacidade de transformação e adaptação inerente ao artesanato, permitindo uma visão flexível da prática (KELLER, 2014).

A classificação do artesanato proposta pela Portaria Nº 1.007 (BRASIL, 2018) segmenta esta expressão cultural em seis categorias distintas, baseadas nas características da produção, nas técnicas empregadas e na natureza dos produtos: artesanato tradicional, arte popular, artesanato indígena, artesanato quilombola, artesanato de referência cultural, e artesanato contemporâneo-conceitual (Tabela 1).

Tabela 1 – Classificação do artesanato brasileiro

Categoria	Descrição
Artesanato tradicional	Produção, geralmente de origem familiar ou comunitária, que favorece a transferência de conhecimentos de técnicas, processos e desenhos originais
Arte popular	Caracteriza-se pelo trabalho individual do artista popular, artesão autodidata, reconhecido pelo valor histórico e/ou artístico e/ou cultural
Artesanato indígena	Resultado do trabalho produzido por membros de etnias indígenas, identificando o valor de uso, a relação social e cultural da comunidade
Artesanato quilombola	Resultado do trabalho produzido coletivamente por membros remanescentes dos quilombos, identificando o valor de uso, a relação social e cultural da comunidade
Artesanato de referência cultural	Produção artesanal decorrente do resgate ou da releitura de elementos culturais tradicionais, utilizando a iconografia e/ou técnicas tradicionais somadas à inovação
Artesanato contemporâneo-conceitual	Produção artesanal, predominantemente urbana, resultante da inovação de materiais e processos e da incorporação de elementos criativos

Fonte: Adaptado de Brasil (2018).

Esta classificação oferece uma estrutura útil para a elaboração e implementação de projetos, tanto governamentais quanto não governamentais, destinados a fomentar o desenvolvimento do setor artesanal em comunidades específicas. No entanto, ela não serve como uma definição abrangente do artesanato brasileiro (KELLER, 2014; TUMA; MARQUES; SOARES, 2017).

O artesanato brasileiro manifesta-se como uma expressão material rica e diversificada, refletindo a confluência e fusão de culturas indígenas, africanas e europeias, sem linhas divisórias claras entre suas influências. Cada peça artesanal, mantendo as características distintas da sua comunidade de origem, é simultaneamente moldada por interações com outras expressões culturais, seja nas técnicas, materiais, usos ou significados empregados (KELLER, 2014; TUMA; MARQUES; SOARES, 2017).

Ao considerar o artesanato, também se reconhece sua inserção em mercados locais e globais, indicando que os produtos artesanais são igualmente influenciados por dinâmicas culturais tanto nacionais quanto internacionais. Assim, o artesanato pode ser entendido como baseado em elementos dito “tradicionais”, que englobam técnicas, materiais, formas, funções ou significados, mas igualmente aberto à incorporação de aspectos de culturas externas, refletindo a evolução da identidade dos artesãos imersos em um contexto globalizado (SILVEIRA; CUNHA, 2011; KELLER, 2014).

3.2. ARTE OU ARTESANATO

A diferenciação entre arte e artesanato vai além da estética, requerendo a consideração do contexto de produção e exibição dos objetos, assim como da identidade e do reconhecimento social do criador. Bourdieu (2011) apresentou a ideia de que o “campo artístico” é determinante na consagração de um indivíduo como artista,

sugerindo que a arte é definida dentro de uma rede de relações sociais e reconhecimento mútuos entre artistas.

Nesse sentido, a arte é concebida como uma forma de crença, onde a admissão em uma “escola de sacerdotes da arte” não apenas fortalece a fé nesse sistema, mas também confere as habilidades necessárias para a legitimação dentro do campo artístico. Sob essa perspectiva, os museus assumem um papel comparável ao de igrejas no contexto religioso, servindo como espaços de veneração e validação da arte (BOURDIEU, 2011). Assim, a distinção entre arte e artesanato é intrinsecamente ligada às dinâmicas de poder, reconhecimento e legitimação que permeiam o universo da criação artística (BOURDIEU, 2011).

Bourdieu (2011) ainda conceituou a arte como um domínio social específico, um microcosmo regido por leis sociais próprias. Este espaço é caracterizado por sua autonomia, onde se desenrolam desafios, lutas e relações de poder, além da acumulação de capital cultural e simbólico. A maneira pela qual somos inicialmente introduzidos ao mundo da arte – seja através da educação formal, do ambiente familiar ou do contexto profissional – tem um impacto significativo na forma como percebemos e classificamos os objetos estéticos, distinguindo entre arte e artesanato. Neste cenário, a educação crítica do olhar desempenha um papel crucial em moldar nossa capacidade de reconhecer, apreciar e valorizar esses objetos.

Bourdieu (2011) também argumentou que as “necessidades culturais” são

construções sociais, moldadas por processos de educação e criação. Seus estudos indicam que as práticas e preferências culturais – tais como visitas a museus, participação em concertos, hábitos de leitura – estão profundamente ligadas ao nível educacional e, em um grau secundário, à origem social dos indivíduos. Isso sugere que instituições educacionais, sejam elas formais ou não, carregam a responsabilidade social de ensinar a apreciar a arte e o artesanato de maneiras que transcendam as visões tradicionais, promovendo uma abordagem mais construtiva e inclusiva.

Rodrigues (2012) sublinhou que, na contemporaneidade, a proficiência de um artista plástico transcendia a simples familiaridade com os materiais de sua escolha; era imprescindível um aprofundamento nas especificidades, propriedades visuais, simbólicas e físicas destes para extrair seu máximo potencial estético. Tal como os artesãos de eras passadas, o artista moderno deveria explorar as potencialidades dos materiais com os quais operava, despojando-se de preconceitos classificatórios obsoletos e infundados (RODRIGUES, 2012).

Paralelamente, as artesãs que se dedicam ao crochê e ao tricô, ou qualquer técnica, atualmente ponderam não apenas sobre a técnica em si, mas também sobre o impacto estético, a estrutura e a beleza do produto finalizado. Rodrigues (2012) ressalta que, no contexto do artesanato contemporâneo, a simples posse de habilidades técnicas não é mais considerada como o único critério definidor de excelência.

Em suma, as antigas divisões classistas e etnocêntricas entre arte e artesanato tornaram-se obsoletas, revelando-se insuficientes para representar as dinâmicas de uma sociedade globalizada e interligada (SENNETT, 2012).

Assim, a distinção entre arte e artesanato é uma questão complexa e multifacetada que tem sido extensivamente debatida na literatura acadêmica (RODRIGUES, 2012). A arte, ao longo do tempo, conseguiu estabelecer uma autonomia notável, fruto de um processo gradual de diferenciação que abarca aspectos sociais, estéticos e funcionais em relação ao artesanato (RODRIGUES, 2012).

Por sua vez, a concepção tradicional de artesanato ainda persiste em grande parte da sociedade, caracterizando-o como um trabalho manual, com finalidades funcionais ou decorativas. Para Rodrigues (2012):

Os indígenas brasileiros têm a característica de ornamentar objetos de uso diário, ornamentação esta que faz parte do objeto e sem a qual este objeto perderia sua função cultural e, até mesmo, utilitária. Vejamos, por exemplo, como as painéis de cerâmica Waurá são profusamente decoradas para além de suas utilidades práticas; e como os bancos dos Kalapalo, dos Mehinaku, dos Wai Wai ou dos Wayana-Apalay, entre outros exemplos, são desenhados e construídos para servirem a suas funções de sentar e de serem “belos” (agradáveis aos olhos), além de serem definidores culturais de sua etnia indígena (RODRIGUES, 2012, p. 89).

Essa distinção não apenas reflete uma divisão de práticas, mas também ressalta questões mais profundas sobre valor, reconhecimento e identidade dentro do campo artístico. Desta forma, o artesão se posiciona na intersecção de dois domínios que ainda não foram plenamente integrados: o artesanal e o

artístico. Tal posicionamento engendra a formação de um novo espaço para a inserção de seu trabalho, facilitando o acesso e o desenvolvimento em esferas anteriormente reservadas exclusivamente aos artistas (RODRIGUES, 2012; SENNETT, 2012).

3.3. ARTESANATO COMO INDÚSTRIA CULTURAL

A valorização do artesanato por sociedades nacionais, elevando-o ao *status* de um símbolo de identidade nacional, ilustra uma admiração profunda por esse legado cultural (HELLER, 1982; BATISTA, 2014). Contudo, mudanças de cunho político e econômico, que demarcam a transição para o fim da era medieval, conduziram gradualmente a um processo de alienação dos artesãos em relação aos seus meios de produção (BATISTA, 2014; BORGES, 2019). Essa evolução resultou na erosão das bases de sua autonomia e da estrutura política profissional que sustentava este grupo (BATISTA, 2014, BORGES, 2019). Adicionalmente, a reconfiguração do conceito de arte durante o Renascimento impactou significativamente o artesanato. Nesse período, o artesanato foi, em certa medida, relegado à esfera da produção/reprodução, enquanto as artes, em especial a visual e seus respectivos artistas, passaram a ser valorizadas pela natureza criativa de seus trabalhos (HELLER, 1982; BATISTA, 2014; BORGES, 2019).

Como destacam Carvalho; Bendassolli (2019):

Nesse contexto, o artesão se coloca hoje como um trabalhador que possui relativo domínio e controle sobre instrumentos e concepção do trabalho, mas que, inevitavelmente, tem de “dialogar” ou interagir com um mercado regido por princípios de organização capitalista – por exemplo, na própria concepção de seu produto deve levar em conta demandas que são ditadas por forças econômicas específicas (CARVALHO; BENDASSOLLI, 2019, p. 6).

Essa abordagem resulta em uma falta de reconhecimento direto aos criadores, onde, apesar da admiração pelo artesanato, a apreciação se dirige mais à capacidade coletiva de produção do que ao indivíduo artesão, que é visto meramente como um intermediário (NERY, 2014).

No contexto brasileiro e latino-americano, a percepção do trabalho artesanal é frequentemente associada ao trabalho escravo ou às atividades de classes economicamente desfavorecidas contribuindo para a concepção de que o mercado externo apresenta maiores oportunidades de expansão (FALCI; PINTO, 2023).

Essa visão influencia a distribuição do artesanato no mercado regional, direcionando-a mais significativamente para atender às exigências de tendências da moda, considerando que a aquisição de produtos artesanais como uma forma de distinção é restrita a um nicho bastante limitado de consumidores (NERY, 2014; FALCI; PINTO, 2023). Paradoxalmente, essa valorização do artesanato também fomenta sua reprodução em série, nas palavras de Nery (2014):

A repetitividade da artesanaria e a inexistência de obrigação do desinteresse econômico favorecem a aproximação dela com a lógica de produção da moda; no entanto,

enquanto moda, a repetição *ad infinitum* é altamente condenável. Do ponto de vista dessa lógica, é fundamental o investimento em inovação para garantir a reprodução do mercado e a possibilidade de um comprador ser fidelizado e não esgotar sua relação com dado fabricante em apenas uma compra (NERY, 2014, p. 299).

Nesse sentido, a formação de cooperativas e associações surge como um dos mecanismos propostos para fomentar o aumento da produção artesanal, necessitando da atuação de agentes intermediários, como o Sebrae que oferece cursos e consultorias, objetivando estreitar a relação entre artesanato e mercado, e incentivando, assim, o empreendedorismo no setor (NERY, 2014; FALCI; PINTO, 2023).

O artesanato, intrinsecamente ligado à identidade cultural, desempenha um papel vital no fomento da criatividade e na integração nas chamadas indústrias culturais, oferecendo um caminho para a modernidade dentro de um contexto de produtividade funcional. O conceito de indústria cultural, cunhado por Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985), descreve a capacidade do sistema capitalista de massificar a produção de bens culturais, utilizando meios técnicos avançados. Este setor abrange uma vasta gama de bens e serviços, incluindo arte, entretenimento, *design*, arquitetura, publicidade, gastronomia, turismo e artesanato.

No cenário contemporâneo, termos como "globalização" e "novas tecnologias" ressoam como reflexos da nossa realidade, evocando ideias de velocidade, mudança, comércio eletrônico e comunicação instantânea. O artesanato, caracterizado por uma produção marcada pela individualidade e

identidade própria, contrasta com a natureza seriada da produção industrial (BATISTA, 2014; NERY, 2014).

Diante das dinâmicas das economias de mercado, o desafio para o setor artesanal não reside apenas na geração de lucro, mas na necessidade de modernização e adaptação às novas tecnologias, sem sacrificar sua autenticidade e os valores intrínsecos às obras artesanais.

Como aponta Valverde (2016), as fases mais avançadas do capitalismo requerem a diferenciação de produtos como estratégia para satisfazer nichos específicos no mercado consumidor. Uma das abordagens para agregar valor e qualificar o produto final envolve conferir novos significados ao trabalho artesanal, além de enfatizar aspectos como responsabilidade social e práticas sustentáveis. Nesse contexto, observa-se uma preferência pela qualidade, unicidade e originalidade do produto em detrimento da quantidade e rapidez na produção. Essa reorientação sugere que a cadeia produtiva pode ser eficazmente gerida por entidades econômicas com menor capital acumulado e que operam em estruturas menos verticalizadas e hierarquizadas.

A inclusão do artesanato nas indústrias culturais sublinha sua significância econômica e o potencial de contribuição para o desenvolvimento regional. Como elemento das indústrias culturais, o artesanato emerge como um fator crucial nas economias contemporâneas, não apenas impulsionando o crescimento econômico, mas também

preservando e promovendo as raízes culturais e a identidade das nações (VALVERDE, 2016).

A UNESCO (2010) afirma que a constituição de uma indústria cultural ocorre quando os bens e serviços culturais são produzidos, reproduzidos, preservados e disseminados seguindo critérios industriais e comerciais. Isso implica que tais bens e serviços são fabricados em série e geridos com base em estratégias econômicas.

O mercado global de artesanato é complexo e multifacetado, desafiando as estimativas de tamanho e valor devido a vários fatores, incluindo a informalidade prevalente na produção e consumo artesanais. As estimativas de 2023 para o mercado comercial de artesanato girou em torno de US\$ 830 bilhões, de acordo com o levantamento realizado pelo Market Analysis Research and Consulting Group (IMARC, 2024), contabilizando apenas os canais formais como lojas de departamentos, varejistas e comércio eletrônico. Esse valor tende a ser significativamente maior se considerarmos o comércio informal diretamente dos mercados artesanais, rurais e turísticos.

Segundo o mesmo relatório do IMARC (2024), os produtos artesanais de madeira dominam o mercado global, incluindo itens como utensílios de cozinha, objetos decorativos e brinquedos. A América do Norte é destacada como o maior mercado com consumidores dispostos a investir em itens artesanais como joias, vestuário e acessórios para o lar.

O artesanato está expandido em regiões em desenvolvimento e entre comunidades

indígenas, parcialmente devido ao baixo investimento de capital necessário para iniciar e manter atividades nesse setor. O mercado do artesanato também tem se beneficiado do desenvolvimento turístico e do surgimento de novos canais de comércio eletrônico, aumentando o acesso a consumidores internacionais. No entanto, a indústria foi impactada negativamente em 2020 pela diminuição do turismo devido à pandemia de COVID-19, o que representou uma perda significativa de renda para os artesãos em destinos turísticos chave, como o Caribe (IMARC, 2024).

Atualmente, o Brasil conta com um contingente de 8,5 milhões de artesãos – aqui incluídos majoritariamente trabalhadores informais –, sendo que a maior parte é composta por mulheres que dependem financeiramente de sua produção artesanal. Economicamente, este setor contribui com cerca de 3% do Produto Interno Bruto (PIB), gerando um volume de negócios da ordem de 50 bilhões de reais anualmente (SEBRAE, 2024).

Conforme relatado por Falci; Pinto (2023), observou-se um aumento de 26,11% na quantidade de indivíduos formalmente empregados em atividades artesanais, elevando-se de 428.223 em 2012 para 540.072 em 2021 (Tabela 2). O setor é dominado pela presença feminina, que corresponde a 53% do total. Há uma representatividade expressiva de pessoas de cor preta e parda, que constituem, respectivamente, 8% e 48% do total de trabalhadores.

Relativo à educação dos artesãos no Brasil, registrou-se nos últimos anos uma elevação na média de anos de estudo deste grupo, que avançou de 7,8 anos em 2012 para 10,2 anos em 2021. Esse aumento sinaliza uma apreciação progressiva pela educação formal no âmbito artesanal. Contudo, como confirmam Falci; Pinto (2023), a média de escolaridade ainda se posiciona abaixo do nível geral dos trabalhadores brasileiros, apontando para persistência de barreiras educacionais.

Tabela 2 – Perfil dos artesãos, anos de 2012 e 2021

Distribuição dos artesãos por sexo		
	2012	2021
Homens	208.250 (49%)	244.428 (45%)
Mulheres	219.973 (51%)	288.235 (55%)
Participação de artesãos por cor autodeclarada		
Branca	47%	43%
Preta	9%	8%
Amarela	0%	0%
Parda	43%	48%
Indígena	0%	0%
Escolaridade média (em anos)		
	7,8	10,2
Rendimento médio		
	R\$ 1.223	R\$ 1.105

Fonte: Elaboração própria a partir de Falci; Pinto (2023).

Do ponto de vista econômico, o artesanato surge como uma fonte vital de renda, especialmente em regiões com escassas oportunidades econômicas (FALCI; PINTO, 2023). Entretanto, a maioria dos artesãos enfrenta condições de vulnerabilidade econômica, com rendimentos frequentemente abaixo de um salário-mínimo. Essa condição precária é evidenciada pelos métodos de venda adotados, que dependem fortemente da capacidade do artesão de promover e vender seus produtos diretamente

aos consumidores, sem intermediários que segundo, Falci; Pinto (2023):

A baixa remuneração contribui para a prevalência do tipo de venda, direto ao consumidor e em feiras. E, mesmo quando em feiras, o pagamento de fretes para transporte onera muito artesãos que já recebem pouco pelo seu trabalho. Outras formas mais sofisticadas de comercialização ficam comprometidas (FALCI; PINTO, 2023, p. 96).

Esta venda direta, embora potencialmente aumente a margem de lucro do artesão ao eliminar intermediários, não se traduz em um poder de mercado efetivo, como indicado pelos baixos níveis de renda individual (FALCI; PINTO, 2023).

As análises apresentadas ressaltam a importância da ocupação artesanal no Brasil, tanto para a preservação cultural quanto para a criação de empregos e de fortalecimento da indústria cultural. Como apresentado, a ocupação de artesão se caracteriza por uma vulnerabilidade expressiva, refletindo a necessidade de políticas públicas mais robustas e eficazes para o fortalecimento do setor no Brasil (FALCI; PINTO, 2023).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. O MUNICÍPIO DE ARARAS, SÃO PAULO

De acordo com informações da Prefeitura Municipal de Araras, a origem do município remonta a 1818, com o estabelecimento de uma sesmaria, abrangendo as bacias dos rios Mogi, Itapura e do Ribeirão das Araras, áreas então integrantes do município de Limeira.

A instalação oficial do município de Araras ocorreu em 7 de janeiro de 1873, marcando um importante capítulo na consolidação administrativa e política da região com a constituição da primeira Câmara Municipal. A evolução de Araras continuou de forma significativa, e em 2 de abril de 1879, o povoado foi elevado à categoria de cidade, um reconhecimento de seu crescimento e desenvolvimento urbanos (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARARAS, 2024).

Na década de 1920, houve uma transição gradual nas atividades agrícolas, com o café cedendo lugar ao cultivo de cana de açúcar, à fruticultura e à pecuária, apesar do café ainda ter um papel significativo na economia local (VALLADARES; AVANCINI; TÔSTO, 2008).

A partir dos anos 1970, com a desconcentração das atividades econômicas e industriais, Araras viu o desenvolvimento de uma estrutura urbana que se estendia em direção à capital São Paulo e seguia o traçado das principais rodovias, trazendo benefícios para a região (VALLADARES; AVANCINI; TÔSTO, 2008).

Atualmente, a cidade tem uma população de aproximadamente 130.866 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022. Este número representa um crescimento considerável desde o censo de 2010, quando a população era de cerca de 118.898 habitantes (IBGE, 2024).

4.2. O ARTESANATO NO MUNICÍPIO

Dentre as políticas públicas adotadas no município de Araras para o fomento ao artesanato autóctone, há a realização da Feira de Artesanato na Praça Barão, organizado mensalmente pela Secretaria Municipal de Turismo, em colaboração com o Conselho Municipal de Artesãos e Artistas Plásticos de Araras (ComArt) (Figura 1).

Figura 1 – Feira de Artesanato em Araras, São Paulo



Fonte: Prefeitura Municipal de Araras (2024).

A cidade abrigava a Casa do Artesão, situada no histórico Casarão Benedita Nogueira, localizado na Praça Monsenhor Paschoal Francisco Quêrcia, no centro do município. Este espaço era dedicado à exposição permanente de peças artesanais, servindo como um ponto de encontro para a valorização e promoção do trabalho manual local. Entretanto, em outubro de 2023, os artesãos foram obrigados a remover seus itens pessoais do local, devido ao início de obras de reforma do edifício para converter-se no novo Centro de Operações Integradas (COI), uma estrutura destinada ao controle das 938

câmeras de vigilância recentemente instaladas pelo município (Figura 2).

Figura 2 – Casa do Artesão de Araras, São Paulo



Fonte: Prefeitura Municipal de Araras (2024).

Os artífices contestaram a decisão da administração municipal, reclamando da falta de notificação prévia sobre tal alteração.

A medida foi percebida como uma expropriação injusta, visto que a Casa do Artesão representa um espaço legal e público de acolhimento do ComArt. Por sua vez, a administração municipal prometeu encontrar uma nova sede para a Casa do Artesão, afirmando estar em busca de um local apropriado.

Atualmente, o ComArt ocupa temporariamente um escritório na sede da prefeitura, que serve de apoio durante eventos, feiras e exposições.

4.3. PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Um resumo do perfil dos entrevistados pode ser visto na Tabela 3, a seguir.

Tabela 3 – Perfil dos entrevistados

Faixa etária	Entrevistados
De 30 a 40 anos	2
41 a 50 anos	1
51 a 60 anos	5
61 a 70 anos	5
71 anos ou mais	4
Gênero	
Homens	2
Mulheres	15
Escolaridade	
Ensino fundamental	5
Ensino médio/técnico	7
Ensino superior	5
Tempo de atuação	
De 1 a 25 anos	10
De 26 a 40 anos	3
41 anos ou mais	4
Possui Carteira Nacional do Artesão	
Sim	3
Não	14
Microempreendedor Individual (MEI)	
Sim	6
Não	11
Principal fonte de renda	
Sim	6
Não	11
Renda Familiar	
Não declarada	4
Até 1 salário mínimo	4
Até 2 salários mínimos	3
Acima de 3 salários mínimos	6

Fonte: Elaboração própria.

Os dados revelam similaridade aos encontrados em Falci; Pinto (2023). A predominância feminina (15 mulheres ante apenas 2 homens) entre os participantes e a concentração significativa na faixa etária de 51 ou mais anos (14 participantes) sugerem que o artesanato pode ser particularmente atraente para mulheres idosas, possivelmente devido à flexibilidade que esta atividade oferece ou como uma forma de engajamento produtivo durante a aposentadoria. Essa tendência é corroborada pelo trabalho de Weber; Tomé (2012), que destaca o surgimento de um novo conceito sobre o trabalho artesanal na terceira idade. Muitos idosos continuam ativos profissionalmente após se aposentarem,

movidos tanto por prazer quanto por necessidade, desafiando a noção tradicional de esta fase da vida se destina exclusivamente ao descanso e ao lazer (WEBER; TOMÉ, 2012).

A distribuição da escolaridade, com uma inclinação para o ensino médio/técnico (7 dos 17 entrevistados), indica que, embora haja uma base educacional razoável entre os artesãos ararenses, ainda existe espaço para melhorias, especialmente no que se refere ao acesso e à conclusão do Ensino Superior, o que poderia potencialmente expandir suas oportunidades econômicas e sua capacidade de inovação dentro do artesanato (FALCI; PINTO, 2023).

A constatação de que a maioria dos artífices tem até 25 anos de experiência em sua área (10 participantes), e ainda assim, muitos não consideram sua atividade artesanal como a principal fonte de renda, reflete problemas econômicos substanciais. A falta de formalização, evidenciada pelo número reduzido de artesãos com Carteira Nacional do Artesão e status de Microempreendedor Individual (MEI), sugere barreiras à profissionalização e ao reconhecimento legal que poderiam melhorar sua segurança econômica e acesso a benefícios. Este cenário é semelhante ao descrito na pesquisa de Luchtenberg; Brinckmann (2015), onde também se observa uma baixa taxa de formalização entre os artesãos, com apenas uma minoria possuindo a Carteira Nacional do Artesão ou estando registrados como MEI.

De acordo com Luchtenberg; Brinckmann (2015), umas das principais

dificuldades enfrentadas pelos artesãos é o desconhecimento dos benefícios associados à formalização como MEI. Muitos não estão cientes das vantagens, como acesso a benefícios previdenciários, facilidades para obter crédito e a capacidade de emitir notas fiscais, que poderiam melhorar substancialmente sua segurança econômica e legitimidade no mercado.

O suporte insuficiente dos órgãos governamentais e a percepção de que não há incentivos efetivos para a formalização também desencorajam os artesãos de se regulamentar (LUCHTENBERG; BRINCKMANN, 2015). Essa situação é agravada por uma cultura de informalidade, onde muitos artesãos operam fora do sistema formal há gerações, percebendo a informalidade como mais flexível e menos onerosa (FALCI; PINTO, 2023).

Os custos associados à manutenção do status de MEI, embora geralmente baixos, ainda são vistos como um impedimento, especialmente quando os artesãos não compreendem plenamente os benefícios de longo prazo (LUCHTENBERG; BRINCKMANN, 2015).

Finalmente, a predominância de famílias com renda acima de três salários-mínimos entre os entrevistados pode indicar que, embora o artesanato não seja a principal fonte de renda para muitos (11 artesãos), ele complementa de forma significativa o orçamento familiar. Este cenário aparece pela celeridade das transformações sociais, econômicas e políticas dos últimos anos que tem provocado uma reestruturação substancial

no mercado de trabalho brasileiro, caracterizado por uma nova dinâmica (OLIVEIRA, 2020).

A estimativa anual do número de empregados com carteira de trabalho assinada no Brasil cresceu 5,8% em 2023, alcançando 37,7 milhões de pessoas, o maior número registrado na série histórica. Simultaneamente, o contingente anual de empregados sem carteira assinada aumentou 5,9%, totalizando 13,4 milhões (IBGE, 2024). Ademais, como afirma Oliveira (2020), emergiram novas formas e oportunidades de ocupação no denominado setor informal da economia. Dentro deste contexto, o artesanato surge como uma dessas atividades alternativas de geração de emprego e renda para indivíduos que não conseguem se inserir no mercado de trabalho formal (OLIVEIRA, 2023; FALCI; PINTO, 2023).

Tal dinâmica pode sugerir, como apontou o estudo de Oliveira (2023) que o envolvimento da atividade artesanal é parcialmente sustentado por condições econômicas e familiares relativamente estáveis.

4.4. PRINCIPAIS DESAFIOS AO TRABALHO DE ARTESÃO NO MUNICÍPIO

A avaliação das entrevistas conduzidas com os artesãos em Araras aponta para a existência de diversos desafios que afetam tanto a fabricação quanto a venda de produtos artesanais na região.

Uma questão recorrentemente mencionada pelos entrevistados foi a falta de

reconhecimento e valorização da profissão de artesão:

[...] ainda não dão valor para o nosso trabalho (ENTREVISTADO 2).

[...] o artesão aqui em Araras não é valorizado (ENTREVISTADO 17).

Esses depoimentos são similares aos encontrados no trabalho de Santana *et al.* (2023) de que a falta de reconhecimento pode ser prejudicial para o desenvolvimento do setor artesanal, uma vez que afeta a valorização do trabalho e suas possibilidades de crescimento e sustentabilidade. Nesse sentido, estabelecer parcerias estratégicas e redes de colaboração, promovendo a integração no contexto territorial, são medidas que podem aprimorar a competitividade regional e ampliar o valor agregado aos produtos e serviços artesanais (SANTANA *et al.*, 2023).

Entre os fatores externos, uma queixa frequente dos artesãos é a diminuição das vendas, atribuída em parte à localização desfavorável da Feira de Artesanato, que é o único espaço público disponibilizado para eles. Este espaço é apontado como sendo pouco acessível ao fluxo de potenciais compradores e turistas:

O espaço que a gente tem aqui na Praça Barão, o público aqui da Praça Barão é o público que vem ao banco, passa e vê a feira. Ele não vem à feira para comprar (ENTREVISTADO 15).

Não mudou nada (para as vendas) desde que a cidade se tornou uma estância turística. Porque todo mundo que passa aqui, ninguém é de fora, é só daqui de Araras. Porque a feira funciona só durante a semana, e a pessoa que vêm fazer o turismo aqui em Araras, eles vêm ao Lago, ou ao Parque Ecológico, mas eles vêm de sábado e domingo. Então pra a gente, fazendo a feira aqui (na Praça Barão e em dias de

semana) não resolve nada (ENTREVISTADO 17).

Os artesãos também enfrentam desafios significativos, incluindo restrições normativas que determinam o local e horário permitido para exposição dos seus trabalhos. Essas limitações regulamentares acabam sendo um fator desencorajador, como exposto pelo relato:

Eu estou até pensando em desistir da feira. Vou ficar só online. Porque tá muito complicado, muitas exigências (ENTREVISTADO 17).

Os artesãos de Araras nutrem a esperança de que a Feira de Artesanato seja restabelecida em sua antiga localização, junto ao Lago Municipal, que é considerado um ponto turístico estratégico da cidade. Segundo a artesã:

[...] as meninas que expunham lá disseram que é muito bom. Porque passa muita gente por lá. Eu acredito que seria um dos melhores lugares para a gente expor (ENTREVISTADO 16).

Contudo, a incerteza quanto ao retorno persiste, uma vez que o local está atualmente em reforma, incluindo a reestruturação da área destinada à alimentação.

A literatura destaca a importância de estratégias descentralizadas para o desenvolvimento do artesanato. Por exemplo, o estudo de Alcade; Le Bourlegat; Castilho (2007) sublinha que a promoção de feiras regionais e eventos culturais pode aumentar a visibilidade dos artesãos em diferentes áreas geográficas, fortalecendo as economias locais.

Essa situação conduz a uma seleção econômica de um perfil específico de artesãos que conseguem se sustentar na Feira, aqueles para quem a produção artesanal não é a

principal fonte de renda. Eles tendem a ter outros meios de subsistência, como benefícios de aposentadoria, e muitas vezes veem o artesanato mais como uma atividade terapêutica e de prazer pessoal do que como uma necessidade econômica:

[...] é tão gostoso vir aqui, é gostoso, você distrai. Eu com a minha idade tudo, pra mim é uma terapia porque eu moro sozinha. Então pra mim é ótimo aqui (ENTREVISTADO 17).

[...] o artesanato não é só para você ganhar dinheiro, porque é tão bom, né? Tão gostoso? Nossa, aqui mesmo na feira foi bom para mim assim em vários aspectos, sabe? Não só financeiro, né? Eu não vejo a hora quando abre, é o mês pra vir aqui. Você conhece bastante gente, você encontra bastante gente, é tão gostoso, né? (ENTREVISTADO 13).

Os relatos ainda indicam um distanciamento dos artesãos em relação aos eventos culturais do município. Eles percebem sua contribuição como essencial para o enriquecimento cultural e a atração turística da cidade. No entanto, essa participação vem sendo subvalorizada pelo poder público, que tem convocado esses artesãos com menor frequência para essas atividades, nas quais eles eram anteriormente mais envolvidos:

Aqui na praça, os eventos que a gente já participou, foi a Festa Junina, e a Festa do Café e Chocolate, a gente já participou uma vez. E uma vez também a gente participou da festa da Igreja Matriz que tem aqui. Mas foi só. Acredito que não estamos tendo apoio da prefeitura pelo episódio do último Café e Chocolate em que a gente não pode participar, se eles estivessem nos apoiando, eles teriam dado apoio para a gente participar e a gente não teve. Porque o artesão e o artesanato eles fazem parte do turismo, não tem como, a feira ela é tradicional. Qualquer cidade, qualquer lugar que você chega, tem uma feirinha. Então aqui precisa ter. A cidade precisa da gente, e a gente

precisa da cidade (ENTREVISTADO 16).

[...] para mim não tem turismo se não tiver artesanato (ENTREVISTADO 1).

[...] tiveram outras festas na cidade, que os artesãos deveriam ter participado. Eles não deixaram a gente participar (ENTREVISTADO 17).

Essa situação evidencia a necessidade de fortalecimento das organizações e representações dos artesãos no âmbito municipal. Como diagnosticaram Sousa *et al.* (2022), a ausência de um diálogo efetivo entre os setores governamentais representativos e os artífices resulta em insatisfação em relação aos projetos e programas implementados pelos órgãos públicos, pois essas iniciativas frequentemente não consideram as necessidades reais do setor.

Colaborando com a carência do diálogo, a questão da integração ou do sentido de pertencimento emerge como um problema, especialmente porque a organização da Feira de Artesanato está sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Turismo. Essa gestão sugere uma inclinação para considerar o artesanato principalmente como uma fonte de *souvenires* turísticos. No entanto, como discutido anteriormente neste trabalho, a natureza do artesanato vai muito além, sendo uma forma de expressão artística e cultural rica, pessoal e subjetiva, que merece reconhecimento e valorização em seu próprio mérito (SENNETT, 2012).

A situação atual deixa claro como a ausência de autonomia impacta negativamente tanto os artesãos já engajados quanto aqueles que têm interesse em adentrar no campo artesanal. A estrutura operacional, as interações entre os participantes, assim

como os locais e horários designados para a realização da Feira de Artesanato, estão todos sujeitos às decisões e interesses do poder público, nas palavras do entrevistado:

[...] eles (poder público) não se atentam que o artesão hoje é uma classe reconhecida profissionalmente da qual a base é cultural. E a maioria são idosos. Eles não se atentam de que também estão destratando idosos. Então a atual situação da Casa do Artesão é essa: ela não existe fisicamente, só administrativamente (ENTREVISTADO 1).

Essa dependência é exacerbada pela inadequação na gestão da Casa do Artesão, evidenciando a necessidade urgente de reavaliar e reformular as políticas e práticas atuais para assegurar que o setor artesanal possa prosperar com mais independência e reconhecimento.

A insuficiência de suporte aos artesãos manifesta-se em diversos aspectos, abrangendo desde a deficiência logística até a escassez de esforços de promoção e divulgação do evento, além dos obstáculos burocráticos enfrentados pelo grupo para exercer suas atividades nos espaços designados.

Há muito pouco (apoio). Eu acho que antes de ser a Secretaria do Turismo, a gente tinha um engajamento melhor. A gente tinha um apoio melhor. O pessoal vinha aqui na segunda-feira, vai montar a barraca. A tarde, os responsáveis passavam perguntando: 'Como foi? Está tudo em ordem? Aconteceu alguma coisa?'. Hoje ninguém aparece (ENTREVISTADO 15).

Portanto, percebe-se que, em vez de oferecer uma estrutura de apoio efetiva aos artesãos locais, o poder público parece utilizar essa força de trabalho principalmente como um meio para impulsionar o turismo na cidade

sem atender adequadamente às necessidades e ao desenvolvimento do setor artesanal.

O estudo de Becker (2017) é significativo ao abordar como o turismo pode ser uma faca de dois gumes para o artesanato. Por um lado, o turismo pode gerar uma demanda considerável por produtos artesanais, oferecendo uma oportunidade econômica importante para os artesãos. O fluxo de turistas pode aumentar a visibilidade dos produtos e proporcionar uma fonte constante de renda. Por outro lado, sem uma gestão adequada, o turismo pode transformar o artesanato em meros souvenirs, despojados de seu valor cultural e autenticidade (BECKER, 2017).

Ao serem indagados sobre a adesão a cursos profissionalizantes e sobre o emprego das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), os entrevistados forneceram perspectivas importantes sobre a capacitação profissional e a integração digital no contexto do artesanato:

Eu acho que o pessoal aqui deveria procurar mais os cursos profissionalizantes. Como é mais idoso aqui na nossa feira, podia procurar um cursinho básico para mexer na internet. Porque tem coisas bem básicas que eles não sabem fazer. Por exemplo, fazer um PIX, eles não sabem. Receber pela maquininha de cartão, alguns não sabem. Para saber atender, saber receber o cliente, sabe? Saber fazer uma ponte entre ele e o cliente (ENTREVISTADO 16).

[...] têm muitas pessoas que às vezes têm interesse em aprender, só que não têm o acesso à tecnologia igual a gente com mais facilidade, que consegue entrar no Youtube, pela internet e aprender, então eu acredito que seria interessante, sim, para ajudar esse pessoal (ENTREVISTADO 14).

Existe uma preocupação evidente em relação à integração do setor artesanal com a

tecnologia, visando facilitar a comunicação com os clientes e a promoção dos produtos. Essa aproximação tecnológica é vista como fundamental para ampliar a visibilidade e o alcance do artesanato no mercado:

[...] hoje, como a gente não tem como fugir da tecnologia e não tem como a gente fugir da internet, eu acho que se houvesse um cartão digital na nossa mercadoria, um QR Code por exemplo, a pessoa ganha uma peça e é direcionado ao Instagram por exemplo ou até mesmo WhatsApp e ter contato direto. Uma forma de divulgação rápida. E eu acho que agrega muito se for mais ou menos uma ideia de direcionamento virtual (ENTREVISTADO 1).

Segundo a entrevistada, a modernização dos canais de comunicação, culmina na valorização do artesanato, uma vez que acredita que o artesanato é mais valorizado por ter adquirido um *status* mais profissional:

[...] hoje percebo que o artesanato está em alta, as pessoas estão parando para prestar atenção coisa que alguns anos atrás era “coisa de velho” ou de “dona de casa”, não era visto como uma profissão (ENTREVISTADO 1).

Essa percepção de transformação sobre a visão mais modernizada do artesanato culminaria no que Silveira; Cunha (2011) destacam de definir o termo de artesanato urbano:

Dentro da atualidade onde a tecnologia impera e a busca por novos conceitos se faz presente, o artesanato urbano veio suprir essas necessidades de constante mudança. (...), ele se utiliza de tecnologia e a substituição de matérias-primas por materiais alternativos, onde o criador tem um conhecimento mais amplo e assume o papel de futuro empresário e dono do seu próprio negócio (SILVEIRA; CUNHA, 2011. p 3).

Foram também identificados obstáculos associados a conflitos interpessoais e

administrativos. Essas dificuldades podem, em parte, decorrer da competitividade entre os expositores na Feira de Artesanato. A origem desse problema parece estar na limitada variedade de técnicas apresentadas na feira, levando a uma situação em que barracas que oferecem produtos similares acabam se tornando concorrentes diretas. O depoimento do entrevistado 15 destaca essa questão, apontando como a escassa diversidade de técnicas e a tentativa de evitar a repetição de produtos pela setorização da feira podem inibir a criatividade dos artesãos.

[...] por exemplo, o (produto) guardanapo, de um lado (da feira) tem, do outro lado também tem... então a gente achou que ficaria melhor fazer enxoval infantil. Então, quem trabalha com crochê só faz tapete, outro só o chapéu, outro só a bolsa. Não! A partir do momento que eu trabalho com crochê, o meu leque é variado! Eu não posso ficar só naquilo. Então eu acho que nesse ponto eles pecam um pouco (ENTREVISTADO 15).

A uniformidade das técnicas na Feira reflete diretamente a insuficiência da estrutura disponibilizada. Dada a limitação no número de vagas e os critérios de seleção que não favorecem a equidade, numerosos artesãos potencialmente interessados em participar acabam por recuar diante das barreiras impostas. Esse cenário restringe a diversidade dos produtos disponíveis ao público e diminui o valor cultural e a amplitude da experiência que o evento poderia oferecer.

Como apresentado por Sousa et al. (2020), uma das características do artesão é seu senso de pertencimento. Este senso nutre um comunitarismo historicamente associado aos membros da comunidade, refletindo no modo como alguns deles atuam também no

âmbito dos negócios. Os relatos dos entrevistados indicam, no entanto, que o individualismo tem crescido nos últimos tempos e toma formas próprias na localidade.

O individualismo tem aumentado, muitas vezes como uma resposta às exigências de competitividade e inovação impostas pela pressão econômica introduzida pelas novas dinâmicas no campo do artesanato. Marquesan; Figueiredo (2014) discorrem que:

As distinções que asseguravam originalidade a diferentes grupos de artesãos, organizações ou comunidades, tendem a se tornar cada vez menos evidentes, delineando um processo de massificação tanto da produção quanto das práticas organizacionais, algo que encobre questões de fundo que não têm sido discutidas a contento. O processo de comoditização dessa atividade fecha um ciclo que retira a autonomia do artesão, afasta-o de uma perspectiva emancipatória e reproduz uma situação de dependência em que, de fato, não há perspectivas aparentes de transformação. A inclusão social, de que tanto se fala nos programas de ressignificação da atividade, é um eufemismo para a inclusão de novos consumidores no mercado de massa, o que completaria o quadro neoliberal segundo uma perspectiva em que a ideia de sociedade se confundiria com a ideia de mercado. Ademais, o potencial emancipatório do artesanato como fonte de subsistência e a organização artesanal como alternativa à organização capitalista são atenuados pelo uso de manobras discursivas funcionais à ordem dominante (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014, p. 92-93).

Adicionalmente, a limitação no número de visitantes da feira acaba intensificando um ambiente de competição e hostilidade entre os feirantes.

Aqui era uma feira que era gostoso de trabalhar. As meninas eram todas legais. Aqui parece que um quer prejudicar o outro. É muita competição

para nada. Aqui estamos vendendo 30, 40, 50 reais por dia, isso aí nem é dinheiro. E a gente está trabalhando. Se a gente tem o trabalho de volta. Se a gente tem o suor do trabalho da gente de volta. Mas a gente não está tendo. E aí você vê uma coisa assim, insignificante. A gente tem que ficar alegre, feliz, quando vê o vizinho vendendo, saindo bem. Mas não é isso. Não é isso. Infelizmente. Já foi uma época muito boa. (...) E a gente ficava de manhã, de tarde e de noite. A gente saía daqui a 11 horas da noite. Mas com alegria. A alegria vence o cansaço da gente (ENTREVISTADO 2).

Essa escassez de público, juntamente com os outros fatores mencionados, contribui significativamente para o surgimento de tensões interpessoais e para a falta de coesão dentro do grupo.

Por fim, o ComArt enfrenta problemas administrativos consideráveis, uma vez que obstáculos burocráticos comprometem sua capacidade de se envolver de forma mais ativa em suas pautas e de participar efetivamente. Independentemente dos planos de gestão que visam alterar esses procedimentos, a carência de espaços dedicados ao debate das questões pertinentes ao grupo influencia negativamente a dinâmica coletiva:

As reuniões eram mensais. Agora é de três em três meses se alguém pedir. Então eu acho que isso não é legal. 'Ah, mas a gente só discutia bobeira, não sei o que tem', mas pelo menos todo mundo participava (ENTREVISTADO 15).

No entanto, ao proporcionar um espaço para o debate e a troca de ideias, a associação pode fortalecer a dinâmica coletiva e a capacidade dos artesãos de influenciar políticas que afetam seu trabalho. Segundo Keller (2014), a coesão social e o capital social são fundamentais para o desenvolvimento comunitário. Em suas palavras:

A formação de uma associação ou de uma cooperativa potencialmente traz vantagens para o artesão isolado. Índícios de pesquisa apontam que as cooperativas de artesãos desempenham papel de destaque nos termos de referência das políticas de fomento, sendo uma exigência legal que a promoção de ações de fomento seja direcionada para associação ou cooperativa de artesãos e não para o artesão individual (KELLER, 2014, p. 340).

Portanto, ao superar desafios administrativos e criar um ambiente de apoio e colaboração, a ComArt pode contribuir significativamente para a preservação e o crescimento do artesanato local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As distinções entre arte e artesanato são amplamente reconhecidas na literatura especializada (BOURDIEU, 2011; SENNETT, 2012). A arte evoluiu para alcançar autonomia através de um processo de diferenciação social, estética e funcional em relação ao artesanato (BORGES, 2019).

No Brasil e em específico no município de Araras ainda prevalece uma concepção tradicional sobre o artesanato, frequentemente visto como um trabalho manual, repetitivo, funcional e decorativo, mesmo quando artesãos produzem obras de significativo valor estético e participam do circuito artístico (CARVALHO; BENDASSOLLI, 2019). Essa distinção é profundamente relacionada com as percepções culturais sobre o que significa ser artista em contraste com ser artesão, uma questão que necessita de análises mais aprofundadas e precisas para uma melhor compreensão e valorização dessas práticas no

contexto contemporâneo (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014; NERY, 2014).

Ao depararmos com as informações coletadas nas entrevistas, torna-se imperativo que se adotem medidas eficazes para fomentar a valorização e o desenvolvimento do artesanato no município de Araras. O governo deve implementar campanhas de promoção que enfatizem a relevância cultural e econômica desta expressão artística. Adicionalmente, é essencial simplificar os processos administrativos a fim de facilitar a inclusão dos artesãos em eventos culturais, proporcionando assim maiores oportunidades de exposição e venda de seus produtos.

É crucial considerar a instauração de um centro de apoio ao artesão, que serviria tanto como um núcleo administrativo quanto um espaço voltado para a capacitação técnica e ao acesso a tecnologias de produção e comercialização. O centro de referência não apenas facilitaria as atividades operacionais e educacionais dos artífices, mas também fomentaria uma maior integração e senso de comunidade entre esses profissionais.

Ainda no campo da profissionalização das atividades, é importante estabelecer parcerias com instituições como o Sebrae, incentivando-as a desenvolver abordagens especificamente alinhadas às necessidades e características do público artesão ararense. Para além, o fomento à implantação de cooperativas de artesãos ajudaria a acessar mercados maiores e fortalecer negociações coletivas.

Ressalta-se a importância da reativação da Casa do Artesão. A Casa, além de

funcionar como local físico para a exposição e comercialização, poderia ser revitalizada como um centro de divulgação e formação. Nesse espaço, seria possível oferecer *workshops*, palestras e outras atividades educacionais que não somente enriqueceriam a prática artesanal, mas também facilitariam as interações e trocas culturais entre os artífices e comunidade.

Desta forma, para superar os obstáculos é essencial que haja um reconhecimento mais amplo do valor cultural, social e econômico do artesanato ararense, acompanhado de esforços concentrados para promover a inclusão, a diversificação e a modernização do setor garantindo, assim, sua sustentabilidade e crescimento no cenário atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALCALDE, E. A.; LE BOURLEGAT, C. A.; CASTILHO, M. A. O papel dos agentes na comunidade de artesãos em Três Lagoas – MS, como instrumentos impulsionadores do desenvolvimento local. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v. 18, n. 2, p. 223-234, 2007.

BATISTA, A. Processo de trabalho: da manufatura à maquinaria moderna. **Serviço Social & Sociedade**, n. 118, p. 209–238, 2014.

BECKER, M. R. Confluências entre turismo, cultura e artesanato. **Desafio Online**, v. 5, n. 1, p. 1-14, 2017.

BORGES, A. **Design + artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2019.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Zouk, 2011.

BRASIL. Portaria nº 1.007, de 11 de junho de 2018. Institui o Programa do Artesanato Brasileiro, cria a Comissão Nacional do Artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, v. 147, n. 1, p. 34-57, 2018.

BRYMAN, A. **Social research methods**. Oxford University Press, 2016.

CARVALHO, D. S.; BENDASSOLLI, P. Processo de significação no trabalho para trabalhadores artesanais atuando em uma capital do Nordeste brasileiro. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, p. 1-17, 2019.

CEZAR, L. C.; FANTINEL, L. D. Entre um bom papo e um café se vende o artesanato: representações sociais em um centro de comercialização da economia solidária. **Brazilian Business Review**, v. 15, n. 5, p. 475-493, 2018.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S.; GIARDINA, M. D. Disciplining qualitative research. **International journal of qualitative studies in education**, v. 19, n. 6, p. 769-782, 2006.

FALCI, C. H. R.; PINTO, L. S. C. C. S. **Diagnóstico do artesanato brasileiro e planejamento estratégico: resultados da etapa I**. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, 2023.

HELLER, A. **O homem do renascimento**. Lisboa: Presença, 1982.

IBGE. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/araras/p/anorama>>. Acesso em: 10 de abril de 2024.

_____. **Taxa de desocupação cai a 7,8% em 2023, menor patamar desde 2014**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39022-taxa-de-desocupacao-cai-a-7-8-em-2023-menor-patamar-desde-2014>>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

IMARC GROUP. **Handicrafts Market Report by Product Type, and Region 2024 – 2032**. IMARC GROUP, 2024.

KELLER, P. F. O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea. **Política e Trabalho, Revista de Ciências Sociais**, n. 41, p. 323-347, 2014.

LUCHTENBERG, R. A.; BRINCKMANN, R. Aspectos decisórios dos artesãos do centro de Florianópolis quanto à adesão à Lei do Microempreendedor Individual. **6º Congresso de Contabilidade da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**, 2015.

MARQUESAN, F.; FIGUEIREDO, M. D. De artesão a empreendedor: a resignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 6, p. 76-97, 2014.

NERY, M. S. S. A decepção de Tinker Bell e a luta das classificações: o artesanato, o Governo Federal e o Sebrae. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 50, n. 3, p. 293-302, 2014.

OLIVEIRA, F. M. U. **Somos todos empreendedores? A demanda empreendedora como dispositivo de governo neoliberal**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP, 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARARAS. **Conheça um pouco da história de Araras**. Disponível em: <<https://araras.sp.gov.br/historia/>>. Acesso em 04 de abril de 2024.

RODRIGUES, W. Arte ou artesanato? Artes sem preconceitos em um mundo globalizado. **Cultura Visual**, v. 1, n. 18, p. 85–95, 2012.

SANTANA, A. M. et al. Tendências e oportunidades para empreendedores no setor de artesanato amapaense: uma análise de conjuntura. **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, v. 11, n. 2, p. 1-18, 2023.

SEBRAE. **Artesanato vive movimento de crescimento de demanda e do número de profissionais cadastrados**. Disponível em: <<https://agenciasebrae.com.br/cultura->

empreendedora/artesanato-vive-movimento-de-crescimento-de-demanda-e-do-numero-de-profissionais-cadastrados>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

SENNETT, R. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVEIRA, E.; CUNHA, J. O artesanato urbano e sua relação com artesanato tradicional e o design. **VI Congresso Internacional de Pesquisa em Design**, Universidade do Minho, Portugal, 2011.

SOUSA, J. R. F. et al. Novos modos de fazer artesanato e desafios à manutenção econômica no Alto do Moura do século XXI. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 26, n. 3, p. 557-585, 2020.

TUMA, R. L.; MARQUES, H. R.; SOARES, M. E. A. M. Feira del Cerrado, Goiânia: la participación social para el desarrollo local. **Interações**, v. 18, n. 1, p. 191-202, 2017.

UNESCO. **Creative Economy Report 2010**. Genebra: UNESCO, 2010.

_____. **Simposio Internacional sobre La artesanía y el mercado internacional: comercio y codificación aduanera**. Manila: UNESCO, 1997.

VALLADARES, G. S.; AVANCINI, C. S. A.; TÔSTO, S. G. Uso e cobertura das terras do município de Araras. **Circular Técnica Online**, n. 14, 2008.

VALVERDE, R. R. H. F. Indústria cultural e conhecimentos tradicionais: a Associação Naboia e a territorialização do artesanato em Anchieta (ES). **Revista do Departamento de Geografia**, v. 32, p. 39-47, 2016.

VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

WEBER, R. M.; TOMÉ, C. L. Artesanato na terceira idade: um estudo na cidade de Sinop. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 3, n. 2, p. 225-235, 2012.